

FUNDAMENTOS DE UMA ESCOLA PRA VALER (versão 01)

Prezados professores, administrativos e alunos do IFCE

Sou Mauro Oliveira, ex-aluno e professor do IFCE desde 1974. Fui diretor geral da ETFCE e do CEFET Ceará, nomes anteriores de nossa instituição. Com a proximidade do processo eleitoral aos cargos de reitor e de diretor geral em algumas unidades do IFCE, contribuo com algumas opiniões que considero fundamentos para os que se candidatam à nobre missão de dirigir uma instituição de ensino com qualidade.

Estes fundamentos são alicerçados no conceito de “Escola Pra Valer”, uma mística mágica e intangível que faz de cada aluno, cada servidor administrativo e cada servidor professor um agente efetivo de uma Escola diferente transformadora da sociedade. Esta mística permite ao aluno a mágica compreensão de sua importância para uma sociedade melhor e aos professores e administrativos o intangível prazer na construção diária desta Escola.

Para tanto, proponho os seguintes fundamentos:

1. Sobre o processo de eleição

“Uma Escola que não serve para modificar a sociedade não serve a ela”

Nada mais incompatível com a missão de uma Escola do que servidores candidatos praticarem no processo eleitoral os mesmos vícios dos políticos na sociedade. Com efeito, o processo eleitoral em uma Escola é uma excelente oportunidade para que os agentes educacionais de uma “Escola Pra Valer” exercitem, pela prática, o discurso ético e de outros valores ditados em sala de aula, desconsiderados pelos políticos profissionais (sic). Em assim procedendo, a Escola transforma a sociedade. Caso contrário, ela fortalece os vícios da sociedade *e não serve a ela... nem pra ela*.

Não é digno de dirigir uma “Escola Pra Valer” quem a confunde e, pior, a trata como uma “prefeitura de segunda categoria” nos períodos de eleição. Tampouco é digno desta Escola quem compactua nesta cumplicidade.

Já dizia o saudoso Anchieta, ex-diretor geral da ETFCE: “uma Escola tem a cara do seu diretor”.

Recomendação: o candidato deveria se apresentar apenas com seus programas e propostas, poupando a comunidade do pedido individual do voto, no famoso “corpo a corpo” por vezes constrangedor. Portanto, qualquer tipo de assédio, promessas de cargos ou de benefícios que não sejam os da própria instituição, são “cafonices” que não cabem em uma “Escola Pra Valer”.

Leitura complementar: “Esta escola né pra ti não” (Jornal O POVO, em 09/abr/16)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

2. Sobre uma Escola Social

“O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”

O caldo social do “coronelismo” (quem for podre que se quebre) com a “lei do Gerson” (o lance é levar vantagem em tudo) parece ainda impregnar nossa sociedade que só se solidariza em situações de grande comoção. Nosso aluno precisa ser alertado contra o individualismo deste “caldo”, ser motivado para a solidariedade com o outro, estimulado para perceber na ajuda ao outro um componente de sua felicidade, despertado em sua autoestima na capacidade extraordinária que tem de transformar a sociedade. Assim, o aluno precisa também agente de seu próprio processo educacional. Afinal, *ele nos percebe, a nós educadores, mais pelo que fazemos do que dizemos!*

Sem essa ideologia pedagógica educação torna-se treinamento servindo apenas para reforçar o individualismo do aluno, fortalecendo seus vícios morais do “caldo” preconceituoso e desumano da sociedade. Os campeões dos “outdoors” na cidade não são, necessariamente, os campeões na vida em seu sentido lato.

Nossos alunos são futuros líderes da sociedade. Precisamos prepará-los para cuidarem bem dela. Esta é a sina de uma “Escola Pra Valer”!

Recomendação: o candidato deveria se comprometer fortemente com a responsabilidade social de nossos alunos. Existem vários mecanismos eficientes para isso. Todos eles passam pelo protagonismo social do aluno, pela magia de sua autoestima à flor da pele. A ideia da disciplina (obrigatória) Projetos Sociais, por exemplo, desperta nele a capacidade de mudar o mundo. A disciplina precisa, no entanto, ser universalizada e resignificada no dia-a-dia da instituição como um modelo pedagógico; mais do que isso: como uma ideologia institucional, um componente da mística mágica e intangível de uma “Escola Pra Valer”!

Leitura complementar: “O capitão da minha alma” (Jornal O POVO, em 12/jan/2012)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

3. Sobre a Estética como a quinta linguagem

“Trocara toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates” (Steve Jobs)

Quatro linguagens parecem senso comum como indispensáveis numa Escola de qualidade. Português, matemática, inglês e informática são requisitos para o sucesso do aluno em qualquer atividade profissional. No entanto, ter apenas estas disciplinas nos currículos não é suficiente. Fazem-se necessárias estratégias que visem a proficiência do aluno motivando-o a ser também um protagonista pedagógico na construção de seu próprio caminho.

Além destas quatro linguagens, o mundo moderno está a exigir de nossos alunos outras habilidades, além das profissionais, tais como criatividade e comunicação. Estas duas habilidades são aqui definidas com Estética Profissional, uma quinta linguagem. A Estética, como linguagem, necessita da filosofia e da arte (música, teatro, dança, etc.) e precisa ser introspectada de forma intensa na vida do aluno. Quem nunca entrou em um museu, nunca fez teatro e nem dançou, nunca tocou violão e nem cantou, etc., terá mais dificuldade para entender porque Steve Jobs *“trocara toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates”*.

Caso contrário, o aluno será, provavelmente, menos criativo e se comunicará menos. Viverá menos intensamente... exatamente o contrário do que almeja uma “Escola Pra Valer”!

Recomendação: o candidato deveria, a exemplo do Projeto Social (Fundamento 2), se comprometer com a adoção da filosofia e da arte na rotina curricular dos alunos, em todos os cursos, como uma marca da praxis educacional da Escola. Seria a metáfora do “um violão para cada aluno”, parafraseando o programa governamental “um computador para cada aluno”, popular no final do século passado na revolução da internet... (Humm! Pensando bem, um violão para cada aluno não seria nada mal).

Leitura complementar: “Uma tarde com Sócrates” (Jornal O POVO, em 06/mar/2012)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

4. Sobre um MIT do Sertão

“... tentei tirar o máximo de mim. É o melhor que o homem pode fazer na vida!” (Dom Quixote in Cervantes)

O Prof Brasil da UFC costumava dizer: na ETFCE a “eletrônica entrava pelos dedos”. Esta nossa imagem de quem aprende fazendo deve-se, talvez, ao fato de termos, à época, mais laboratórios do que salas de aula. Na verdade, somos do “saber fazer!” ao “por que fazer?”. Esta vocação mais tecnológica que científica nos diferencia, como acontece nas Universidades Técnicas na Alemanha, nas Escolas Superiores na França, no MIT (Massachusetts Institute of Technology) nos EUA. Somos, por vocação, mais inovação do que as universidades!

Seria uma meta possível ao IFCE ser um dia um MIT do Sertão? Ser uma Escola tecnológica de excelência com reconhecimento internacional, transcende o discurso e a vontade, exigindo estratégias, muito trabalho e articulação. Fazem-se necessários vários ingredientes: visão de futuro, valorização da meritocracia, identificação de grupos emergentes de desenvolvimento e pesquisa, o entendimento da inovação como um processo gerador de renda e criador de empresas e, principalmente, a adoção de estratégias na formação dos alunos com técnicas modernas de ensino, inovação e pesquisa. Um mix da adoção da Estética, como quinta linguagem (Fundamento 3) e de lógica de programação (Fundamento 5, a seguir) é uma destas estratégias!

Uma geração de jovens formada com Estética & Lógica alcançaria, provavelmente, melhores resultados profissionais *“ao darem o máximo de si, o melhor que o homem pode fazer na vida”!*

Recomendação: o candidato poderia se comprometer com as estratégias citadas e incentivar a disseminação do estudo de lógica de programação em todos os cursos do IFCE. A exemplo dos russos que adotam o xadrez na Escola e dos americanos que, recentemente, adotaram “a hora do código” (CODE.ORG), deveríamos criar uma estratégia própria para a universalização do estudo de lógica na Escola, num contraponto ao ensino tradicional (unidirecional, cansativo e ineficiente), criando uma nova geração de alunos pensadores, criativos e estéticos, mais aptos à inovação.

Leitura complementar: “Uma breve história do tempo” (Jornal O POVO, em 19/maio/2015)
Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

5. Sobre Informação & Conhecimento

“A 300m da pirâmide eu me ajoelhei, peguei um punhado de areia e o deixei cair lentamente. E disse para mim mesmo: modifiquei o Saara! O ato foi insignificante mas precisei de toda uma vida para dizer estas palavras”
(Jorge Luis Borges, Museu do Amanhã – Rio de Janeiro).

Em pleno século XXI ainda presenciamos práticas tradicionais de ensino onde o aluno é um enfadonho sujeito passivo, receptor de informações. Na era do “Pokémon” a informação não é mais segredo. Ela está disponível e acessível facilmente, via eletrônica ou não.

Já o conhecimento é a informação contextualizada. Conhecimento é semântica, é a informação tratada, inferida, criticada, debulhada como diz o forte homem do sertão. Daí a necessidade do aluno ser estimulado a pensar mais do que ouvir. O conhecimento embasa a criticidade do aluno. Não tem como se avaliar um fato somente com a informação sem o seu contexto. É imperativo o conhecimento para a ação crítica, seja ela tecnológica ou político-social.

Priorizar o conhecimento sobre a informação é um ingrediente indispensável na “Escola Pra Valer”. E não se transforma, com eficiência, informação em conhecimento sem Estética (Fundamento 3) e Lógica (Fundamento 4).

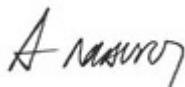
Assim, novas exigências são requisitos a quem se arrisca hoje ser um agente de educação. Além de profundo conhecedor do tema que leciona, o professor de uma “Escola Pra Valer” precisa ser mais “treinador” da equipe, um atento animador de um circo onde a atração principal é o aluno. Esta é a grande diferença de uma “Escola Pra Valer”! Nela, o aluno ensina ao outro aluno, “apadrinhando-o”, seduzido que foi para esta nobre missão pelo seu treinador/animador.

Para se perceber nesta Escola, o aluno precisa estar *“modificando seu Saara a todo momento, tendo a consciência de que este ato é a sua mágica e suas palavras são intangíveis”*.

Recomendação: o candidato deveria, inicialmente, priorizar o tema educação nas conversas em campanha, junto à comunidade. Em seguida, poderia mirar-se no exemplo do Jorjão, humilde zelador do IFCE Aracati, quando “profetiza”, dedo em riste para os alunos: “você têm que sair pelo portão da Escola melhor do que entraram... para melhorar a cidade”. Mais do que isso, o candidato deveria se superar neste tocante, pois nada mais chato do que um dirigente de uma Escola que só fala em números e esquece o seu “mágico e intangível” dever educacional.

Leitura complementar: “Entre tablets e lousas digitais... salvaram-se todos” (Jornal O POVO, em 19/jan/2016). Link para acesso: <https://amaurooliveira.wordpress.com/jornal/>.

Aracati, 18 de agosto de 2016



Mauro Oliveira, PhD em Informática